

**PRODUÇÃO TEXTUAL A PARTIR DO RECONTO ORAL
DA NARRATIVA “BARBA AZUL”**

José Ricardo Carvalho da Silva
ricardocarvalho.ufs@hotmail.com

Tatiana Pinheiro da Cruz

Durante muitas décadas, a oralidade não foi considerada como ponto de partida para desenvolver atividades de produção de texto na escola. A partir do final de 1990, estudos sobre a oralidade explicitaram o vínculo entre a fala e a escrita, realizando descrição das interações verbais, em classes do ensino fundamental. Uma das atividades que passou a ser objeto de investigação de educadores foi o papel da contação de história como fonte inspiradora da produção de textos escritos.

Do ponto de vista pedagógico, a atividade do reconto oral valoriza a bagagem linguística da criança, pois envolve uma série de processos cognitivos e internacionais que atuam sobre o domínio da competência sociocomunicativa. Nesse sentido, o gênero *contos de fada*, por ser oriundo da tradição oral, ajusta-se com os propósitos de compreensão da oralidade em situações reais de interação, visto que os alunos gostam de recontar ou comentar trechos de contos maravilhosos. Seguindo a trilha de Propp (1983), podemos descrever o gênero em estudo.

Podemos chamar conto maravilhoso, do ponto de vista morfológico, a qualquer desenrolar de ação que parte de uma maldade ou de uma falta, e que passa por funções intermediárias para ir acabar em casamento ou em outras funções utilizadas como desfecho. A função limite pode ser a recompensa, alcançar o objeto desejado ou, de uma maneira geral, a reparação da maldade, *o socorro e a salvação durante a perseguição* etc. Chamamos a este desenrolar de ação uma sequência. Cada nova maldade ou prejuízo, cada nova falta dá lugar a uma nova sequência. Um conto pode ter várias sequências, e quando se analisa um texto, é necessário em primeiro lugar determinar de quantas sequências este se compõe. (PROPP; 1983, p. 144)

A história escolhida para trabalho o exercício da passagem do discurso oral para o discurso escrito foi “O Barba Azul” de Charles Perrault (1628-1703). A narrativa tem como foco o mistério que gira em torno do sumiço de várias esposas de um fidalgo apelidado de Barba Azul, tratando da salvação de uma das esposas do Barba Azul por seus irmãos. Por possuir no enredo elementos mágicos que promovem a resolução do mistério, esta narrativa é considerada um conto de fadas. Durante o processo do reconto, o falante necessita ter o conhecimento estrutural do gênero

que deseja comunicar-se e ter em mente os elementos linguísticos e extralinguísticos que utilizará para formular os enunciados do reconto. Neste contexto, o professor ao apresentar uma história, pela primeira vez aos alunos, pode promover elementos atrativos para que a turma tenha vontade de realizar análise, reconto e reescrita do texto. Por meio destas orientações, temos por objetivo investigar o comportamento linguístico oral dos alunos no reconto de histórias, bem como examinar possibilidades pedagógicas que aproximem as práticas orais das práticas letradas através da leitura, reconto oral e a retextualização de contos de fadas.

Uma das atividades que utilizada na sala de aula para atualizar contos de fadas foi a passagem da leitura do conto escrito para o reconto oral ou vice-versa. Quando este tipo de atividade ocorre, são mobilizados diferentes recursos da linguagem (verbal e não verbal) para exprimir ideias e efeitos de sentido, ocorrendo, assim, um processo de reconfiguração dos enunciados que buscam se alinhar à ordem da modalidade e ao gênero textual com o qual é proposto a interação. Sendo assim, toda vez que alguém conta a mesma história com outras palavras, está promovendo uma atividade discursiva que reformula os enunciados e o conteúdo proposto, confirmando-se, então, o provérbio “Quem conta um conto, aumenta um ponto”.

Observamos, neste contexto, que as atividades de reflexão sobre a oralidade, do ponto de vista sociocomunicativo, nas dinâmicas escolares é pouco usual. Isto é, as práticas escolares privilegiam o domínio da escrita enquanto conjunto de habilidades e procedimentos técnicos que garantam a localização e reconhecimento das informações presentes nos textos. As estratégias sociocomunicativas adquiridas pelos alunos não servem de apoio para compreensão da modalidade escrita e vice-versa em seu aspecto discursivo. A polarização do discurso escrito e falado parece predominar nas dinâmicas escolares, apagando os processos híbridos de formulação discursiva nos processos de interação verbal. A compreensão da interpenetração da escrita sobre fala e da fala sobre a escrita aponta uma série de pistas que podem ser pensadas no processo aquisição da leitura e da produção de textos orais e escritos.

A compreensão do processo interacionais envolvidos na produção de texto na escola é um elemento-chave para examinar a relação entre os textos orais e escritos. Sendo assim, consideramos os aspectos dialógicos de fundamental importância para dimensionar o olhar sobre as práticas de leitura e escrita. Fonseca (2012, p. 31) aponta quatro princípios do dialo-

gismo que precisam ser levados em conta quando se examina as relações dialógicas na sala de aula:

- a. **o princípio da interação** – a linguagem é essencial para a comunicação, mas é a interação entre os interlocutores que fundamenta a linguagem;
- b. **relação entre sujeitos** – o sentido de um texto e o significado das palavras dependem da relação existente entre sujeitos, ou seja, são construídos na produção e na interpretação dos textos;
- c. **a intersubjetividade** – a relação entre os interlocutores não somente dá sentido ao texto, como também constrói os próprios sujeitos produtores do texto;
- d. **dois tipos de sociabilidade** – as relações entre os sujeitos; e as relações do sujeito com a sociedade. Esse sujeito, na visão de Bakhtin, é social, histórico e ideologicamente constituído, cercado por diferentes vozes.

Para assumir uma perspectiva dialógica, selecionamos uma história que relatasse cenas de fantasia e violência que tivessem a ver com o mundo dos alunos. Em nossa sequência de trabalho, organizamos o trabalho da coleta de dados considerando os passos:

- a) apresentação da história contada oralmente ou em vídeo;
- b) transcrição da história de acordo como foi falado,
- c) retextualização do conto pelos alunos a partir da transcrição e;
- d) análise da passagem do discurso oral para o discurso escrito.

Por meio desta sequência, investigamos os elementos que constituem o gênero conto de fadas no processo de retextualização.

Como atividade diagnóstica para identificar o que os alunos tinham internalizado da estrutura das narrativas maravilhosas, conversamos, informalmente, sobre os contos de fadas que conheciam, bem como as propriedades particulares do conto de fadas que diferenciam de outros gêneros. Em seguida, realizamos a leitura do conto de fadas por parte, tendo o cuidado de examinar a estrutura narrativa e o modo como se textualizava a narrativa por meio de seus recursos linguísticos e dos enunciados proferidos pelo narrador. Observamos o modo como o autor introduz os fatos, por meio da apresentação dos personagens e do cenário e desenvolvimento do narrador. Em seguida, buscamos ressaltar o conflito

vivido pela personagem, fazendo com que os alunos se colocassem na situação vivida. Muitas formas de reagir ao conflito foram levantadas pelos alunos, levando-os a prever o que poderia acontecer no decorrer de narrativas que assumiam a forma de contos de fadas.

Para evidenciar o clímax, a narrativa foi interrompida a fim de levar os alunos a criar novas hipóteses de como seria o fim da história. Por fim, narramos a resolução do conflito central, explorando a solução mágica dada por Perrault para projetar o conto de fadas. Convém mencionar que os recursos do conto de fadas possuem certa regularidade que são ressaltados nos diálogos realizados com os alunos. Por meio de um amplo diálogo com a turma, os alunos vão aos poucos internalizando a estrutura e se motivando para a realização do reconto oral e a reescrita dos contos de fadas. Por meio da modalidade oral, os alunos foram capazes de recontar histórias ouvidas. Todavia, as competências orais envolvidas para narrar uma história passaram a ser mais refletida a partir da reescrita do reconto oral feita pelos alunos.

Apresentamos, a seguir, a transcrição do reconto oral produzido por um dos alunos do conto fadas “Barba Azul” de Charles Perrault.

Barba Azul era um homem que preservava a sua vida na sociedade... ate que a esposa dele morria de alguns fatos muitos suspeitos...ele querendo outra esposa foi na casa da vizinha... vindo que a mulher tinha duas filhas belas acabou se apaixonando por uma... acabou se apaixonando pela beleza e ela não gostava dele por causa de sua barba estranha do seu jeito dele estranho dele... até que resolve da uma festa pra vê se acabava conquistando ela... até que ela ficou interessada pelo jeito agradável dele...aí ela acabou falando bom eu vou querer casar com ele...ele pra ver se ela é fiel mesmo... eles casaram mesmo...deu as chaves de todas os quartos... cômodos da casa... e disse que ia viajar na verdade era uma cilada ... até que um dia ele falou... bom assim...é pode chamar suas amigas pra visitar a casa e suas irmãs...ela falou... ta bom...ele viajou no meio do caminho ele voltou pra casa.... ele voltando tudo aconteceu ...foi porque ela suas amigas de tão ansiosa não esperaram as amigas buscarem elas... a esposa buscar ...então elas chegaram em casa queriam ver as coisas de grande valor ... como coisa de ouro prata...aí esposa de Barba Azul não querendo ser indelicada saiu de fininho e foi para o quarto ...aí quando ela abriu tomou aquele susto porque ela viu uma poça de sangue... assim no chão que refletia os corpos pendurados no armário e uma coisa assim... aí ela tomou um susto e saiu correndotrancou o quarto...aí ela deixou a chave cai e a chave ficou toda ensanguentadaaí ela lavou ...lavou só que o sangue saia de um lado ..ia o sangue pro outro...aí o marido chegou ela deu todas chaves menos a do quartinho... ele desconfiado por que percebeu a falta da chave e as mãos tremulas dela...ele falou cadê a outra chave ela enganou... ele e disse que tá lá em cima no meu quarto... e... e que ela sofrerá algo ruim por esses dias ...até que um dia ela teve que entregar

....quando ela foi entregar a chave ...ele falou bem assim... de tanto você ser curiosa você vai acabar indo pro lugar onde elas estão...ela pediu pra rezar antes da morte ela foi pro quarto dela desesperada e começou a chamar irmão dela... ei Ana... Chame meus irmãos pra mim ajudar...aí Barba Azul bateu na porta do quarto vamos sua hora tá pra chegar...vamos...vamos ...aí ela acabou descendo na hora que Barba Azul ia matar seus irmãos acabaram chegando impediu a tragédia e o matou...e assim ela viveu feliz...

Para realizarmos a análise do material coletado, assumimos princípios teórico-metodológicos adotados pela visão de gênero discursivo de Bakhtin (1992), bem como as orientações de retextualização organizadas por Marcuschi (2001). Baseado no estudo da retextualização, buscamos compreender a passagem do discurso do oral para o discurso escrito, considerando as seguintes operações ocorridas no processo de retextualização, indicado por Marcuschi (2001, p. 46):

- 1º Eliminação de marcas estritamente internacionais, hesitações e partes de palavras (estratégia de eliminação baseada na idealização linguística).
- 2º Introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação da fala (estratégia de inserção em que a primeira tentativa sugere a sugestão da prosódia).
- 3º Retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos (estratégia de eliminação para uma condensação linguística).
- 4º Introdução da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos (estratégia de inserção).
- 5º Introdução de marcas metalinguísticas para referência de ações e verbalização de contextos expressos por dêiticos (estratégia de reformulação objetivando explicitude).
- 6º Reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos (estratégia de reconstrução em função da norma escrita).
- 7º Tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas (estratégia de substituição visando a uma maior formalidade).
- 8º Reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa (*estratégia de estruturação argumentativa*).
- 9º Agrupamento de argumentos condensando as ideias (estratégia de condensação).

Analizamos os primeiros textos escritos pelas crianças e percebemos, por meio da retextualização feita, que a grande maioria se encontra em processo de apropriação ortográfica e pontuação do texto escrito. Os alunos demonstram pouca habilidade em aplicar o travessão com a função de demarcar a fala dos personagens. Muitos alunos narravam com

apenas um parágrafo, fazendo pouco uso dos sinais de pontuação para tornar os enunciados mais expressivos. Sobre o repertório vocabular, alguns fizeram novas opções lexicais na composição do texto, mas a grande maioria repetiu as mesmas palavras encontradas no texto-fonte para reescrever o conto de fadas. Observemos os fatos mencionados a partir da relação apresentada entre o texto oral transcrito e a versão retextualizada.

TEXTO ORAL TRANSCRITO	VERSÃO RETEXTUALIZADA
Barba Azul era um homem que preservava a sua vida na sociedade... até que... que... a esposa dele.. dele... que morria de... de alguns fatos muitos suspeitos...ele... ele querendo outra esposa... foi na casa da vizinha... vendo que... é... a mulher tinha duas filhas belasacabou se apaixonando por uma... no caso se apaixonou assim pela beleza... e ela... não gostava dele por causa de sua barba estranha... pelo seu jeito estranho...	Barba Azul era um homem que preservava a sua vida na sociedade. Até que a esposa dele morria de alguns fatos muitos suspeitos...ele querendo outra esposa foi na casa da vizinha, vendo que a mulher tinha duas filhas belas ai ele acabou se apaixonando por uma... acabou se apaixonando pela beleza e ela não gostava dele por causa de sua barba azul e o seu jeito dele estranho.

Observamos que o aluno consegue, em alguns momentos, eliminar algumas repetições como no caso do enunciado “... até que... que... a esposa dele.. dele... que... a esposa dele.. dele... que morria de... de alguns fatos muitos suspeitos” por “Até que a esposa dele morria de alguns fatos muitos suspeitos...”. Todavia, o aluno não opera, no plano da pontuação, com a organização de parágrafos e nem segmenta o texto, considerando as vozes que são apresentando no desenvolvimento do enredo. Desta forma, não identificamos na grande maioria dos texto o uso de travessão. Este elemento que não se encontra presente na versão retextualização, também não se encontra em outros textos produzidos pelos alunos, visto que na produção de textos espontâneos coletados antes da atividade de retextualização não foi percebido sinais de uso de pontuação para demarcar as vozes dos personagens e do narrador.

TEXTO ORAL TRANSCRITO	VERSÃO RETEXTUALIZADA
até que um dia ele resolve da uma festa pra vê se acabava conquistando ela... até que ela ficou interessada pelo jeito agradável dele...af ela acabou falando bom eu vou querer casar com ele...ele... pra ver se ela é fiel... eles casaram.. pra ver se ela era fiel mesmo... ele deu as chaves de todas os quartos... dos cômodos da casa...	Até que resolve da uma festa pra vê se acabava conquistando ela. Até que ela ficou gostando do homem e ela acabou falando: bom eu vou casar com ele... ele pra ver se ela é fiel mesmo. Ele pra ver se ela é fiel mesmo. Eles se casaram mesmo ele deu as chaves de todos os quartos, cômodos da casa ...

Notamos que em muitos momentos a preocupação com a estrutura sintática do texto é de fundamental importância para manter uma coerência que se distingue o texto oral que tem apoio da prosódia e da entonação dos enunciados que são pronunciados oralmente. Neste sentido, a maioria dos textos apresentaram comprometimento sintático. “... **ele pra ver se ela fiel mesmo. Ele pra ver se ela (era) é fiel mesmo. Eles se casaram mesmo ele deu as chaves de todos os quartos, cômodos da casa e ele disse.**” Não houve neste contexto a eliminação da repetição, e organização sintática prejudica a coesão do texto escrito. Ainda observa-se a dificuldade dos alunos manterem o conteúdo do texto quando reescrevem por meio da retextualização.

Os elementos estudados no processo de retextualização apontam para uma série de dificuldades que os alunos apresentam para compreender o discurso escrito. Por isso, as atividades de retextualização a partir do reconto oral de contos de fadas podem funcionar como atividade diagnóstica para observar procedimentos adotados pelos alunos que expressam a relação que fazem do discurso oral em relação ao discurso escrito.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

BETTELHEIM, Bruno. O ciclo do noivo-animal dos contos de fadas. In: _____. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Contos de Grimm*. Trad.: Monteiro Lobato; atualização linguística de Alípio Correa de Franca Neto. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2002.

DOLZ, B.; SCHNEWLY, D. *Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona)*. Gêneros do oral e do escrito na escola. Trad. e org. de R. Rojo e G. L. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FÁVERO, Leonor Lopes et alii. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.

FONSECA, Alex-Sandra de Assis Simão. *O gênero discursivo conto fantástico no processo sociocognitivo de leitura e escrita*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté, 2012.

KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Ática, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e ensino, uma questão pouco 'falada'. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *O livro didático de português*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MATENCIO, M. L. M. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. *Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN*, março de 2003.

MENDES, Mariza B. T. *Em busca dos contos perdidos: o significado das funções femininas nos contos de Perrault*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2000.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto*. Lisboa: 1983.

TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. *Tradução e retextualização: a tradução numa perspectiva textual*. Uberlândia: Edufu, 2003